

Débora Regina da Rocha
Maurício Cesar Menon

**ROTEIRO PARA O ESTUDO DA
OBRA *O CASTELO DOS CÁRPATOS*
DE JÚLIO VERNE**



**ROTEIRO PARA O ESTUDO DA
OBRA *O CASTELO DOS CÁRPATOS*
DE JÚLIO VERNE**

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, SOCIAIS E DA NATUREZA**

**ROTEIRO PARA O ESTUDO DA OBRA *O CASTELO DOS
CÁRPATOS*, DE JÚLIO VERNE**

DÉBORA REGINA DA ROCHA

MAURÍCIO CESAR MENON

LONDRINA

2024

DÉBORA REGINA DA ROCHA
MAURÍCIO CESAR MENON

**ROTEIRO PARA O ESTUDO DA OBRA *O CASTELO DOS
CÁRPATOS*, DE JÚLIO VERNE**

**Itinerary for the study of the work the Carpathian Castle
by Julius Verne**

LONDRINA

2024



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Londrina**



DEBORA REGINA DA ROCHA

**ROTEIRO DE LEITURA COMO RECURSO POTENCIAL PARA O ESTUDO DA OBRA O CASTELO DOS
CÁRPATOS, DE JÚLIO VERNE**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 09 de Novembro de 2024

Mauricio Cesar Menon, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Adriana Delmira Mendes Polato, Doutorado - Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

Alex Sandro De Medeiros, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 09/11/2024.

AUTORES

Débora Regina da Rocha



Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina. Possui graduação em Letras - Francês pela Universidade Estadual de Maringá (2002). Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto Paranaense de Ensino (2008). Tem experiência na área de Ensino de Língua Portuguesa (Literatura e Gramática) atuando nos diferentes níveis de ensino.



Maurício Cesar Menon

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1989), mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2002) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2007) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Paraná (2014). Atualmente é professor titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná atua como professor permanente nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN) da UTFPR em Londrina PR e de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UTFPR em Pato Branco PR. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Ensino, Insólito Ficcional, Ciência e Tecnologia Representadas na Literatura. É membro da Academia Mourãoense de Letras.

Apresentação

Esta obra constitui-se em um roteiro de leitura destinado ao público infantojuvenil e tem por objetivo proporcionar melhor compreensão de uma obra literária evidenciando ao leitor a possibilidade do estudo da ciência a partir da literatura. Neste roteiro de leitura apresentamos a obra: *O Castelo dos Cárpatos* de Júlio Verne.

Boa leitura

Débora Regina da Rocha

Sumário

1	A OBRA: O CASTELO DOS CARPATOS.....	9
2	JULIO VERNE E O CONTEXTO HISTÓRICO FRANCÊS	13
3	O CONTEXTO CIENTÍFICO DO SÉCULO XIX	16
4	AS CORRENTES DE PENSAMENTO DO SÉCULO XIX	26
4.1	Correntes Científicas.....	30
4.2	Correntes Literárias	35
5	ELEMENTOS DA NARRATIVA.....	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51

1

A obra: O castelo dos Cárpatos

O Castelo dos Cárpatos, obra de Júlio Verne, (publicada em 1892), tem como espaço ficcional um vilarejo conhecido como Wertz, localizado na Transilvânia, Romênia – região sempre marcada pela crença no sobrenatural e por lendas fantásticas.

No final do século XIX, em plena aldeia de Wertz, um pastor de ovelhas local, chamado de Frik é considerado por todos um grande feiticeiro, rogador de pragas e encantamentos. A narrativa conta que este pastor compra uma luneta de um vendedor ambulante e, ao posicioná-la para o castelo abandonado dos Gortz, situado no alto dos Cárpatos, percebe uma coluna de fumaça saindo de uma de suas torres, e corre para contar a novidade

para o juiz Koltz, que comprova a veracidade utilizando-se da mesma luneta.

Este fato ocorrido desperta curiosidade, uma vez que o Castelo estava abandonado há muito tempo. Assim, para ver o que de fato estava acontecendo, o juiz Koltz resolve reunir os amigos: o médico Patak, o professor Hermod e o guarda florestal Nic Deck para beberem e discutirem sobre o terrível mistério envolvendo a fumaça da torre do castelo abandonado. Nessa conversa, decidem que dois deles irão entrar na fortaleza e checar de perto o ocorrido. Após essa decisão, um mistério envolve o lugar e uma voz grave em tom ameaçador é ouvida por todos.

Ainda assim, o plano seguiu em frente e, na manhã seguinte, Nic Deck e Patak seguiram para o castelo, e chegaram ao portão de entrada no final da tarde. Nesse momento, perceberam que o local estava deserto. Não havia nem fumaça, nem barulho, decidiram acampar por ali, pois não havia possibilidade de atravessar o fosso do castelo no escuro.

Durante a noite, foram surpreendidos pelo soar de um sino e visões de formas estranhas como monstros, dragões com cauda de serpente, hipogrifos com largas asas etc. Na manhã seguinte quando cruzaram o fosso, viveram uma experiência ameaçadora e, como não voltaram para o local combinado no horário, o juiz Koltz teve a ideia de buscá-los e os encontrou em estado deplorável.

Após se recuperarem da experiência contaram o que viveram. Tal relato intensificou o medo dos moradores de Wertz e, a partir deste momento, a aldeia começa a sofrer ataques diários de trepidações subterrâneas praticamente todos os dias. O medo assola o lugar, muitos deixam de exercer suas funções com medo de encontrar com “Chort” (como chamavam o diabo).

Nessa parte o narrador volta ao tempo e conta a história de uma cantora italiana que se chamava Stilla, noiva do jovem Franz de Telek, e por quem o barão Rodolphe de Gortz era apaixonado. A narrativa dessa retrospectiva é forte e marcada por acontecimentos inesquecíveis como o da tragédia

que ocorre com a personagem de Stilla durante uma apresentação no teatro.

A Stilla deixa-se arrastar então por todo o fogo dessa arrebatadora *stretta do canto final*,... Acabava de repetir esta frase de um sentimento sublime:

Innamorata, mio cuore tremante,

Voglio morire...

De repente, para...

A fisionomia do barão de Gortz aterra-a. Um pavor inexplicável a paralisa... Leva vivamente a mão à boca, que se avermelha de sangue... vacila cai... (Verne, 1979, p.122).

Voltando ao castelo, Franz invade e ouve o canto de Stilla, e imagina então que ela não morreu e vai em busca para resgatar sua noiva. De repente, vê sua imagem e avista Gortz...nesse momento, uma parte do mistério que permeia toda a história é desvendado. Orfanik, fiel escudeiro de Gortz, ajudou na manipulação de tudo e todos...

2

Júlio Verne e o contexto histórico francês

A revolução francesa (1789), que ocorreu no ano de 1789, deu início à idade contemporânea. Nesse momento da história, havia uma crença no progresso, no sentido de que, acreditava-se que a ciência iria mudar a humanidade (Le Goff, 2008, p. 109).

O conhecimento sobre ciência, atrelado à criatividade e à imaginação de Júlio Verne, o aproxima dessa ideia de progresso da época.

Segundo Serres (2007) a obra de Júlio Verne é um sonho de progresso. Ela é uma ciência dos sonhos que se apresenta em várias de suas obras.

[...] a biologia em *Vinte mil léguas submarinas*, a geografia em *Os filhos do capitão Grant*, a geologia

em Viagem ao centro da terra, a física em Castelo dos Cárpatos.... Ainda que Júlio Verne escreva durante as quatro últimas décadas do século XIX, ele transmite a ciência das gerações anteriores, das quais August Comte fizera um balanço nos anos 1840 (Serres,2007, p.86).

Outro aspecto levantado por Serres (2007) é que, quando falamos sobre ciência, não nos referimos apenas a uma coleta de dados. Na coleta, temos muita documentação e quanto mais documentação, mais cópia, e quanto mais cópia menos ciência, pois apenas se repete sem inventar. Embora Júlio Verne traga dados, o autor também inventa narrativa, cria narrativa, e esta criação não é uma reprodução, de maneira que podemos então chamar de ciência latente aquela que é inventada, criada.

Ele inventa narrativa segundo sua competência científica, segundo sua compreensão, não copia leituras, mas inventa cegamente, segundo a profundidade de sua cultura [...] uma ciência nova inventa a narrativa que, por sua vez, inventa uma ciência nova (Serres, 2007, p.95).

Há uma visão clara de progresso na obra de Júlio Verne que se encaixa na proposta histórica de progresso atrelado à ciência do século XIX. Verne era um estudioso que apresentou novidades em suas narrativas, como: balões, helicópteros, pavimento móveis e outros mais. Esses elementos indicam um autor com grande atenção àquilo que acontece ao seu redor, no seu tempo e o que pode vir a acontecer no futuro.

3

O contexto científico do século XIX

Durante o século XIX, a Física avançou de maneira acelerada, e assuntos que sempre foram tratados de maneira separada começaram a convergir, como, por exemplo, calor, eletricidade e luz.

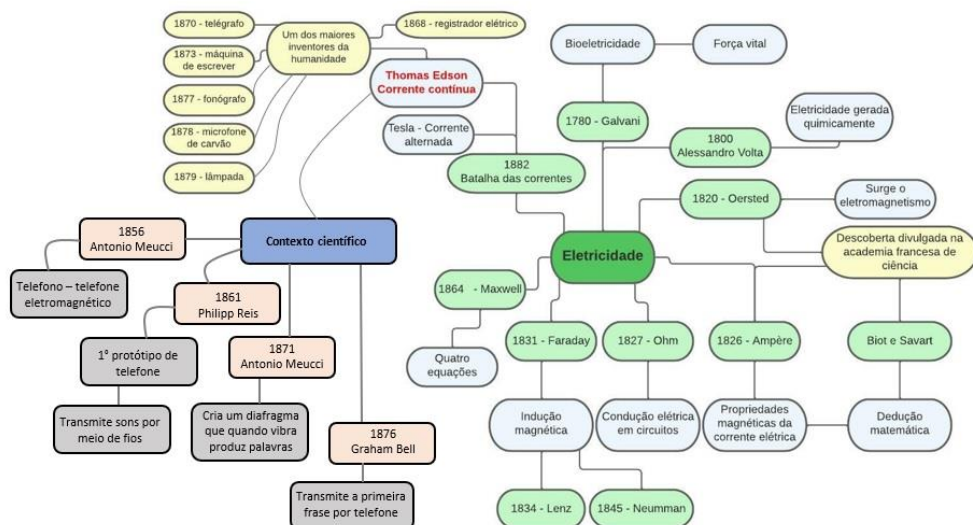
Aqui apresentaremos recortes sobre o desenvolvimento da eletricidade, ciência esta que nos levou a uma série de descobertas no início do século XIX e, conseqüentemente, a invenção de uma quantidade de aparelhos úteis.

Essas invenções estavam atreladas mais fortemente à observação e ao conhecimento prático do que à compreensão da teoria. Segundo Vergara (1965), a teoria veio mais tarde, fornecendo uma visão mais profunda e um aprimoramento nos

aparelhos elétricos e nas tarefas que a eletricidade ajudava a realizar. Um panorama geral do recorte escolhido para nosso estudo da eletricidade pode ser visto na Figura 1. É importante ressaltar que esse recorte foi escolhido para que possamos compreender a ciência na obra *O castelo dos Cárpatos*, de Júlio Verne.

O que se refere ao mapa a seguir, o conteúdo será desenvolvido no próximo capítulo.

Figura 1 – Mapa mental do recorte escolhido para estudo da eletricidade



Fonte: Autoria própria (2023)

Um passeio pela eletricidade

No início do século XIX, a eletricidade era concebida como um fluido imponderável, que fluía continuamente de um corpo para o outro.

De acordo com Pires (2011), foi Benjamin Franklin que fazendo experiências com a garrafa de Leyden, chegou à conclusão de que a eletricidade era um elemento presente, em certas porções, em toda a matéria.

Postulou que a eletricidade “vítrea” era o único tipo de fluido elétrico e que os dois tipos diferentes de eletricidade correspondiam ao excesso ou à deficiência daquele fluido (Pires, 2011, p. 267).

Essa forma de pensar a eletricidade foi fortemente contestada na segunda metade do século XVIII por alguns estudiosos e uma nova tentativa de explicar a interação entre corpos foi apresentada, o saber da ação a distância.

Nomes como: Franz Ulrich Theodor Aepinus (1724-1802), John Michell (1724-1793), Joseph Priestley (1733-1804), Henry Cavendish (1731-1810), Charles Augustin Coulomb (1736-1806), entre outros, trabalharam em prol de identificar experimentalmente o princípio da ação à distância, e Coulomb em 1785 formalizou uma lei, que passou a ter seu nome, segundo a qual “a força entre duas cargas elétricas é proporcional ao produto das cargas e inversamente proporcional ao quadrado da distância entre elas” (Pires, 2011, p. 268).

Em 1780, Luigi Galvani, a partir de vários experimentos com rãs, enunciou que havia uma espécie de eletricidade produzida pelo corpo dos animais. Essa forma de pensar a eletricidade passou a ser conhecida como galvanismo.

Um importante nome que teve contato com as exposições de Galvani foi Alessandro Volta (1745-1827), e, após se dedicar a estudos sobre a origem da eletricidade, criticou as ideias de Galvani, afirmando que a fonte de eletricidade não era os animais, em si, mas sim o contato do metal com os

tecidos animais. Volta, em 1800, construiu a primeira “pilha”, ou seja, o primeiro dispositivo que gerava eletricidade a partir de reações químicas.

Em 1807, Hans Christian Oersted (1777-1851) inicia seus estudos relacionados com a ação da eletricidade sobre uma agulha imantada (Pires, 2011). Por motivos filosóficos ele acreditava que deveria existir uma relação entre eletricidade e magnetismo e, apesar de muitos manuais didáticos tratarem esse assunto de maneira equivocada, como se tivesse sido uma descoberta por acaso, em 1820,

Oersted percebeu que ao aproximar uma agulha imantada de um fio no qual passava uma corrente elétrica, a agulha sofria uma deflexão (Pires, 2011, p. 270).

Havendo assim o surgimento de um campo magnético. Essa publicação de Oersted possibilitou a junção de duas ciências até então estudadas de maneira separadas, a eletricidade e o magnetismo. Surge, nesse momento, o eletromagnetismo.

Apesar de possibilitar essa junção, seu trabalho foi exclusivamente experimental, empírico, ou seja, não apresentou as leis quantitativas para o fenômeno.

Pouco depois, entre 1821 e 1825, André-Marie Ampère (1775-1836) estudou e esclareceu os efeitos de correntes sobre ímãs, assim o efeito oposto, a ação de ímãs sobre correntes elétricas (Ronan, 1987).

Esse novo cenário permitiu uma série de desenvolvimentos na área do eletromagnetismo, ou seja, a capacidade de se criar magnetismo a partir da eletricidade possibilitou o surgimento da telegrafia à longa distância, tendo o primeiro telégrafo eletromagnético sido atribuído a Ampère:

Ampère utilizou um fio para cada letra do alfabeto, servindo a terra como um condutor de retorno para cada circuito. Pequenas agulhas magnéticas foram colocadas na extremidade mais distante de cada fio. Uma corrente passando por um dos fios (e o retorno pela terra) fazia defletir a agulha relacionada, dessa maneira indicando a letra desejada (Vergara, 1965, 320).

Logo apareceram outras propostas de telégrafo: em 1831 com Joseph Henry (1799-1878) e em 1835 com Samuel Finley Breese Morse (1791-1872). No ano de 1838, Morse fez uma apresentação do seu telégrafo para as autoridades da época, que gostaram de sua invenção e, alguns anos mais tarde, aprovaram uma lei para que fosse construída uma linha entre Washington e Baltimore, Maryland. Em 1845 Morse conseguiu um capital privado e estendeu a linha até Filadélfia e Nova York.

O telégrafo obteve tal sucesso que mais de cinquenta companhias, usando as patentes telegráficas de Morse, estavam operando nos Estados Unidos até meados do século:

Pela metade do século, redes de linhas telegráficas haviam espalhado seus tentáculos sobre grande parte da Inglaterra, Europa e América do Norte. Mas a nova arte das comunicações ainda se destina nos limites do mar. O canal inglês, que fora durante séculos uma barreira protetora colocada entre a Inglaterra e o continente, logo seria atacado por navios conduzindo milhas de fios de cobre. (Vergara, 1965, p.323).

O primeiro cabo submarino de grande extensão foi lançado em 1850, cruzando o Estreito de Dover. Ainda no mesmo ano foi lançado um cabo entre Dover e Cap Gris Nez, na França. Infelizmente, ao se testar tal empreendimento, os resultados não foram positivos para a transmissão de mensagens, devido ao tipo de isolamento dos fios de cobre.

Um ano após os resultados negativos com os fios de cobre, um engenheiro ferroviário, Thomas Crampton, projetou um novo cabo que viria a funcionar. Após algumas semanas de experiências, o primeiro cabo submarino bem-sucedido foi apresentado ao público, e, em muito pouco tempo, inicia-se uma corrida para a implementação dos cabos submarinos, e, num período de dois anos os cabos já haviam cruzado o Mar da Irlanda, o Mar Negro e Mediterrâneo. Por volta de 1870, tal instrumento já estava consolidado e sendo utilizado em muitos locais do mundo.

Nesse contexto científico, Alexander Graham Bell, em 1874, desenhou o primeiro protótipo do telefone. Bell sabia que os sons emitidos pela fala formavam um padrão de pressão que variava rápida e continuamente, que se afastava da fonte emissora em todas as direções, e que, se conseguisse variar a intensidade de uma corrente elétrica, da mesma forma que o ar varia sua densidade durante a produção do som, conseguiria transmitir telegraficamente as palavras.

O primeiro dispositivo produzido por Bell baseou-se no eletromagnetismo e os primeiros sons da fala foram produzidos por ele e transmitidos por um fio no início 1876. No entanto, os primeiros transmissores de Bell produziam correntes muito fracas para uma boa transmissão, mesmo tendo utilizado princípios físicos corretos. Somente em 1878 foi produzido um transmissor capaz de produzir uma ampliação correspondente a mil vezes os sons da fala original.

E, assim, mais um passo é dado rumo ao avanço da ciência, agora com a descoberta do telefone.

4

As correntes de pensamento do século XIX

Devido à necessidade de novos rumos, após a revolução francesa, as seguintes correntes de pensamento ajudaram a criar e propagar ideias novas, cuja importância se baseava na elaboração de novos conceitos e na consolidação do conhecimento.

O liberalismo

Com origem na filosofia iluminista, o liberalismo cresce na Europa após a Revolução Francesa.

Sua proposta econômica apresentava a liberdade na produção, compra e venda pela burguesia. Segundo Adam Smith esta corrente traria riqueza às nações.

Politicamente, o liberalismo significou a liberdade individual, permitindo a formação de governos representativos e constitucionais, a garantia legal da liberdade de pensamento.

Nacionalismo

O nacionalismo é uma ideologia política, uma corrente de pensamento que valoriza todas as características de uma nação. Uma das formas pelas quais o nacionalismo se expressa é por meio do patriotismo, que envolve a utilização dos símbolos nacionais. Essa corrente fez com que as pessoas comesçassem a ansiar e lutar pela unificação de seus países, a fim de as transformar em nações soberanas.

O socialismo utópico

Devido às graves consequências sociais da revolução industrial, vários pensadores e intelectuais propuseram as mais variadas soluções. O socialismo utópico foi uma delas. Este trazia a proposta da criação de uma sociedade ideal, a ser alcançada de forma pacífica a fim de amenizar as desigualdades sociais. Seus maiores representantes foram Owen, Saint-Simon e Charles Fourier. O socialismo utópico recebeu esta denominação por propor medidas incapazes de serem realizadas. Como uma sociedade ideal baseada no cooperativismo, ideia fora dos padrões de outras correntes já existentes.

O socialismo Científico

O marxismo nega o caráter científico da doutrina clássica e das ideias defendidas pelos

socialistas denominados por Marx de “utópicos”. Herdeira do pensamento cartesiano — a doutrina clássica sobretudo mascara a realidade, em nome de “ideias eternas”, da Razão abstrata, com desprezo dos fatos históricos. Pondo em xeque essa orientação, que conduz ao estudo estático dos fenômenos econômicos, Marx propõe-se “a desvendar a lei econômica do movimento da sociedade moderna”, à base de uma visão sociológica, onde o materialismo histórico, a que se acha vinculada a luta de classes, constitui o fundamento de suas exposições e de suas análises.

[...] proletariado, que tem consciência plena de sua situação negativa dentro da sociedade capitalista, conclui pela catástrofe inevitável do capitalismo, a ser necessariamente substituído por outra organização social capaz de proporcionar ao homem o verdadeiro sentido de sua existência. A Revolução proletária e sua evolução para o comunismo coroam a doutrina marxista (Donato, 1959, p. 48 e 49).

Foram várias as correntes de pensamento que movimentaram e movimentam uma sociedade como

um todo, e estas modificações também afetaram a literatura na França neste período.

Júlio Verne, autor da obra analisada neste trabalho, foi um representante da burguesia do século XIX, quando a ciência, começava a explodir, sendo representante não poderia ficar de fora dessas mudanças.

4.1 Correntes científicas

No final do século XVIII, havia duas correntes filosóficas na Europa que mais se destacavam, o *Programa de Pesquisa Laplaciano* e a *Naturphilosophie*.

Essas correntes filosóficas influenciaram diretamente a forma de se compreender a natureza, ou seja, o pensamento científico da época.

De acordo com Gardelli (2018), em 1823, Laplace apresenta de maneira rigorosa sua concepção de ciência, que, embora fosse newtoniana em sua origem, passou a ser conhecida como o Programa de Pesquisa Laplaciano, sendo

caracterizada pelo esforço de representar, em linguagem matemática, os fenômenos físicos e químicos estudados pelos filósofos experimentais.

Segundo Frankel (1977), as duas correntes filosóficas do XVIII buscaram explicar problemas científicos que posteriormente se caracterizaram como problemas da área da Física. Uma das correntes defendia a chamada Mecânica Racional, voltada à matematização das ciências físicas, da qual faziam parte a estática, dinâmica, hidrostática, hidrodinâmica e a mecânica celeste e que eram tratadas pelos grandes “geômetras” da época como problemas de matemática aplicada. A outra corrente, que considerava relações metafísicas de natureza mais ampla e abstrata, dizia respeito às ciências do calor, eletricidade, magnetismo e luz, que eram examinadas empiricamente por homens que podem ser melhor definidos como “filósofos experimentais”, dentre os quais estavam incluídos os médicos, clérigos, filósofos, químicos e amadores.

O Programa de Pesquisa Laplaciano

No final do século XVII, dois trabalhos anunciaram uma era de matematização e quantificação das ciências físicas.

O primeiro deles, segundo Paulus (2022), ocorreu em 1783, quando, Laplace e Lavoisier escreveram juntos *Mémoire sur la chaleur* (Memórias sobre o calor). Tal trabalho, anunciava o início do desenvolvimento da teoria matemática do calor no século XIX e o encontro harmonioso entre Física e Matemática.

O segundo deles, ainda de acordo com o mesmo autor, ocorreu em 1785, quando Coulomb publicou seu trabalho intitulado *Recherches théoriques et expérimentales sur la force de torsion et sur l'élasticité des fils de métal* (Pesquisas teóricas e experimentais sobre a força de torção e sobre a elasticidade de fios de metal). Nessa obra, ele

determinou experimentalmente as leis que regem o fenômeno da torção em fios metálicos e propôs uma teoria molecular para explicar essas leis (Gardelli, 2018, p. 123).

No início do século XIX, um grupo de pensadores se reuniam para discutir as ideias newtoniano-laplacianas e buscavam desenvolver uma linguagem matemática profundamente sistemática para retratar os fenômenos estudados pela física experimental, como apresentado por Paulus (2022, p. 40):

Após a virada do século, a física experimental havia se tornado o centro das atenções dos membros da chamada Sociedade de Arcueil (*Société d'Arcueil*), que, sob a liderança de Laplace e de Berthollet, era um grupo de cientistas franceses que se reunia durante os finais de semana dos verões de 1806 a 1822 nas casas de campo de Berthollet e Laplace, no vilarejo de Arcueil, próximo de Paris, para discutirem o que ficou conhecido posteriormente como *Programa de Pesquisa Laplaciano*.

Naturphilosophie

O pensamento romântico no final século XVIII pode ser caracterizado segundo Torres-Filho, (1984; p.VII) como “doentio, desordenado, desencantado introspectivo, imaginoso, sonhador, sentimental, liberal, revoltado, heroico, expressionista” (p. VII).

Essas características, de acordo com Paulus (2022), estavam presentes nas obras de artistas e escritores do Romantismo. Estava presente também na obra do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), considerado como o precursor da *Naturphilosophie* (a filosofia da natureza).

Para Schelling, a *Naturphilosophie* promovia o estudo da natureza como um todo, de maneira geral, ampla, que se caracterizava por preocupações com questões metafísicas (Gower, 1973, p. 301).

Essa corrente filosófica, segundo Paulus, (2022) corroborou para o enfraquecimento do paradigma mecânico (racional) durante o século XIX. Promovida por princípios apriorísticos de caráter metafísico, pressupunham que na natureza deveria haver a

conservação de “algo”, para daí se entenderem os fenômenos.

Na Inglaterra e na França, renomados pesquisadores adotaram os pressupostos da filosofia natural, como: Michael Faraday (1791-1867); James Prescott Joule (1818-1889); William Thomson (1824-1907); James Clerk Maxwell (1831-1879) e Sadi Carnot (1796-1832).

4.2 Correntes literárias no século XIX

As correntes literárias que norteavam o século XIX na França eram o Romantismo (final do século XVIII a meados do século XIX) e o Realismo (inicia em meados do século XIX).

O Romantismo surgiu no contexto histórico da Revolução francesa. Seu nascimento foi em parte resposta à racionalidade do iluminismo e a transformação da vida cotidiana.

Em cada obra desenvolvida, a importância para o autor não estava no sujeito ou no apego à

realidade a fim de apresentá-la, mas na maneira como o autor sentiu quando expôs.

Na literatura romântica há um trabalho intenso com a subjetividade, nas percepções, relatos, descrições e também um sofrimento amoroso junto com um sentimentalismo, há uma idealização da mulher e não somente da mulher, mas também dos espaços narrados, dos protagonistas e dos enredos.

Já o realismo teve como marco inicial a publicação do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em 1857.

Esse movimento foi um dos mais artísticos do século XIX e apresentou uma espécie de reação ao artificialismo romântico que era visto como uma representação da elite burguesa da época. O realismo retrata com mais objetividade o cotidiano. A vida da população mais simples ganha foco nas narrativas, percebe-se até em algumas delas um tom irônico carregado de crítica social. Podemos também observar influências do positivismo, marxismo e determinismo em algumas produções, correntes

históricas voltadas a sociedade e que acabaram influenciando nas obras literárias.

Em termos de estrutura, as produções apresentavam uma linguagem objetiva e ricos detalhes de seus personagens tanto nas características físicas quanto psicológicas. Não podemos deixar também de lado as descrições detalhadas de tudo o que traz de certa forma a lentidão na narrativa.

5

Elementos da narrativa

Gênero literário

O Castelo dos Cárpatos pode ser classificado como uma obra de ficção científica, essa obra de Júlio Verne foi publicada em 1892. Este romance conseguiu unir em sua estrutura toda a essência do século XIX.

Verne mostra na sua obra que, além da ciência, na lenda e no mito é que se concentram as verdades da vida. A ficção científica procura explicar o cosmos com termos materialistas, mas não se apoiando nele para explicar as coisas. É o misto entre o ficcional e o racional.

O Castelo dos Cárpatos faz esse trajeto entre o ficcional e a explicação científica.

Foco narrativo

O foco narrativo ou ponto de vista é o ângulo escolhido pelo narrador para contar a história. É a perspectiva escolhida para narrar os fatos.

Dominante na narrativa romanesca do século XIX é o modelo clássico que oferece plenos poderes a uma só focalização. Tudo é apresentado por um único ponto de vista, de modo que há uma necessidade de confiar no narrador.

Se a nossa narrativa não é verossímil hoje, pode sê-lo amanhã, graças aos recursos científicos que são o quinhão do futuro (Verne, 1979, p.13)

Na obra *Castelo dos Cárpatos*, temos um narrador em terceira pessoa, onisciente, que sabe tudo sobre a história e, estando de fora, tem o poder

de penetrar no mundo psicológico das personagens. Dessa forma, tem ampla liberdade, colocando diante do leitor informações que satisfaçam a curiosidade dele. Como no trecho abaixo,

Ouvindo estas vibrações lúgubres, o doutor Patak sente um medo convulsivo, uma angústia invencível, um irresistível terror, que lhe faz correr frias horripilações por todo o corpo (Verne, 1979, p. 79).

Esse tipo de narração também atende às necessidades do romance regionalista. Não podemos deixar de lado o regional, pois esse ponto se faz de grande valia para a análise da obra. O local para sua contextualização faz toda a diferença. O povo da aldeia de Werst se deixa levar por crenças e essas crenças que desenham a narrativa e todo o engano vivido pelo povo daquela aldeia.

Convém, contudo, notar que o país transilvano está ainda muito aterrado às superstições das primeiras idades (VERNE, 1979, p. 13).

Personagens

Muitas personagens ajudam a compor esta narrativa e, de certa forma, todas apresentam uma significativa importância à obra, pois por meio delas, vivenciamos o desenrolar da história.

Frik: pastor de ovelhas, 65 anos de idade. É conhecido na aldeia como feiticeiro. Frik era considerado um evocador de aparições fantásticas. Compra a luneta de um viajante e, com esse instrumento, consegue enxergar fumaça saindo do castelo. Se dessem ouvidos a ele, obedeciam aos vampiros e às estriges (Verne, 1822, p. 17)

Outras personagens muito importantes são: Nic Deck e Patak, pois foram eles que entraram no castelo a fim de desvendar o mistério.

Nic Deck: guarda florestal, noivo de Miriota, entra no castelo e assusta a todos os moradores de Wertz, em especial sua noiva Mariota, pois achavam que ele havia morrido.

Patak: médico de Wertz, um homem de 45 anos de idade. Não tinha formação nenhuma, foi apenas um enfermeiro. Não admitia nenhuma das superstições que rondava a cidade. Era dono de uma serenidade imperturbável. Vendia drogas, mas tão inofensivas que não pioravam os achaques dos seus doentes (Verne, 1822, p. 44)

As seguintes personagens marcaram a obra de forma contundente, a trama que os envolve faz o leitor entender de fato toda a narrativa. São eles:

Franz de Télék: pertence a uma das famílias mais antigas e ilustres de Romênia. Noivo da cantora Stilla, nutre um ódio incalculável por Rodolphe de Gortz por acreditar que este havia sido responsável

pela morte de sua amada. Por conta disso vai atrás de vingança e invade o castelo.

Rodolphe de Gortz: barão, dono do burgo, engana toda uma aldeia, uma vez que pensam que ele havia desaparecido e nunca mais voltado ao castelo. O barão odiava o conde Franz, pois este era noivo da mulher que amava. Gortz preparou uma armadilha para atrair Franz ao castelo em busca de sua amada, de modo que o rival pensasse que Stilla estivesse viva e mantida em cativeiro dentro do castelo, a armação foi muito bem elaborada pelo seu braço direito, Orfanik.

Orfanik: um estudioso que serviu como braço direito de Rodolphe. Este personagem tem um papel importantíssimo na história, pois cabe a ele a criação dos aparelhos que ajudaram a assombrar a vila. Tais aparelhos simbolizam o desenvolvimento da ciência no século XIX. Na descrição “parecia uma televisão ou cinema de relevo, um prenúncio grosseiro de um holograma”, juntamente a aparelhos fonográficos.

Tais inventos movimentaram a vida das pessoas em Wertz, gerando medo durante toda a narrativa e, apenas ao final da obra, o leitor entende à luz da ciência, a verdadeira história do Castelo, não mais o conhecimento relacionado à superstição.

Personagens secundárias na obra

- Hermod, magister (professor), 55 anos.
- Jonas, [estalajadeiro](#) judeu, segurando “Rei Mathias”, 60 anos.
- La Stilla, [cantora](#) italiana, 25 anos.
- Maître Koltz, biró (juiz e prefeito de Werst), de 55 a 60 anos.
- Miriota Koltz, filha do Mestre Koltz, 20 anos.
- Rotzko, soldado, último companheiro de Franz de Télek, 40 anos.

Espaço

A história está ambientada na aldeia de Werst na Transilvânia, Romênia. O castelo mal-assombrado que assola uma pequena aldeia é forrado de superstição e mistérios que amedrontam o povo simples da redondeza. Por localizar-se em uma região inóspita e de difícil acesso, o povo da aldeia acreditava que, embora o castelo parecesse abandonado, era frequentado por demônios.

O espaço na obra é muito importante, visto que, a Romênia, traz uma tradição voltada a histórias fantásticas e cobertas de superstições como a de Drácula. Esta informação serve como plano de fundo para explicar o medo e receio dos moradores da aldeia de Werst.

Cabe ressaltar que o espaço, muitas vezes, é representado por indicações precisas e correspondentes ao nosso universo possível, bem demarcado, físico apenas: a vila, o teatro, a casa etc. É necessária uma leitura diferente que permita entender a representação desses espaços, ou seja, a vila como um lugar aconchegante cheia de

pessoas simples e fáceis de serem manipuladas; o castelo um ambiente de mistério, do sobrenatural; o teatro como espaço de passividade, espera, curiosidade etc.

Ao visualizar dessa forma, lemos a obra com outro olhar e assim nos permitimos envolver profundamente com a história a ponto de acreditar na ficção projetada nela.

Tempo

A narrativa segue em ordem cronológica, com alguns recuos como o momento em que o narrador volta alguns anos para contar a história da cantora italiana, La Stilla, noiva do jovem conde Franz de Télek, fato que movimentou a história do meio para o final.

A partir desse gancho, o leitor aos poucos entende a narrativa e desmistifica, por meio do conhecimento dos fatos que permeiam *O Castelo*

dos Cárpatos, as credices evidenciando a explicação científica para o desenrolar da narrativa.

O tempo cronológico dentro do romance pode ser medido por índices externos: dia, noite, tarde.

“O dia seguinte, Nic Deck e o doutor Patak preparam-se para partir, às nove horas da manhã” (Verne, 1979, p. 61).

Vale lembrar que segundo Bakhtin (1988) dificilmente podemos falar do tempo sem tratar do espaço, pois, em determinado lugar, em um certo momento, as ações narradas desencadeiam narrativas diferentes, naquele momento exato da história aquela região vivia nos costumes da época e seus moradores acreditavam de acordo com o conhecimento de mundo que tinham.

Elementos temáticos

Antes da exposição do tema cabe lembrar a diferença entre esta e o assunto. O assunto é a história em si, o tema é a ideia que se pode abstrair do assunto.

O Castelo dos Cárpatos Júlio Verne propõe trabalhar com temas voltados ao desenvolvimento da ciência. Ele faz um paralelo entre a crença e os costumes que movem o povo de uma região em específico e traz a evolução da eletricidade e das telecomunicações que marcaram a década de 1880.

Verne fala de algo similar ao telefone, o qual Rodolphe de Gortz instalou secretamente como uma linha aberta, ou seja, sem a utilização de cones entre a aldeia e a pousada para ouvir tudo o que se dizia por lá, ele descreve como sendo um dispositivo contemporâneo.

"Naquele tempo - vamos muito particularmente notado que esta história aconteceu em um dos últimos anos do XIXth century - o uso de eletricidade, que é justamente considerada a "alma do universo", tinha sido empurrado para as últimas melhorias. O ilustre Edison e seus seguidores completaram seu trabalho. Entre outros aparelhos elétricos, o telefone funcionava então com uma

precisão tão maravilhosa que os sons, coletados pelas placas, chegavam ao ouvido livremente, sem o auxílio de cones. O que se dizia, o que se cantava, o que se sussurrava, ouvia-se a qualquer distância, e duas pessoas, como se estivessem sentadas frente a frente [podiam até se ver em espelhos ligados por fios graças a invenção do telephote] " (Verne,1974, p 172).

No entanto, não é só a técnica de som e imagem que interessa ao autor, mas também a sua utilização como mola dramática, pois permite que as personagens e o leitor acreditem na realidade da imagem.

Considerações finais

A proposta com a elaboração do produto educacional é auxiliar o aluno durante as aulas de literatura para que o mesmo possa compreender melhor a obra literária, e que isso ocorra em vários aspectos como, por exemplo, seu contexto histórico, seus elementos e estrutura da narrativa e, principalmente, que isso ocorra com uma visão interdisciplinar, que, no caso em específico (esta obra), a união da ciência e literatura.

Este produto também visa auxiliar o professor como um instrumento de apoio no momento de ensino da obra literária que no caso bem especificamente, aqui é *O Castelo dos Cárpatos*.

Referências

DONATO, Messias Pereira. *O Movimento sindical operário no regime capitalista*, Ed. da Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, 1959.

GARDELLI, D. Antecedentes históricos ao surgimento do Eletromagnetismo. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 35, n. 1, 2018, 118-137.

FARACO, C.E. *Roteiro de Leitura: A escrava Isaura*, p.37, 1998.

FRANKEL, E. J. B. Biot and the mathematization of Experimental Physics in Napoleonic France. **Historical Studies in the Physical Sciences**, v. 8, p. 33-72, 1977.

GOWER, B. Speculation in Physics: the history and practice of *Naturphilosophie*. **Studies in History and Philosophy of Science**, v.3, n.4, p. 301-356, 1973.

REALISMO. **Mundo Educação**. 2023. Disponível em:<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/realismo.htm>. Acesso em: 04, jan. 2023.

REUTER, Y. *A análise da narrativa: O texto, a ficção e a narração*, 3ª edição, p.52 e 53, 2011.

SERRES, M. *Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo*, p.86 e 95, 2007.

VERNE, J. *O Castelo dos Cárpatos*. Editora: CdL/ Clube do Livro, 1979.

VERGARA, W. C. *Ciência, a busca sem fim* [tradução de ROCHA, J. C.T.]. São Paulo: Cultrix, 1965.